

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

2

DENISE PEREIRA
JANAÍNA DE PAULA DO ESPÍRITO SANTO
(ORGANIZADORAS)

Atena
Editora
Ano 2020

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS



DENISE PEREIRA
JANAÍNA DE PAULA DO ESPÍRITO SANTO
(ORGANIZADORAS)

Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Tais Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas
ciências humanas

2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Luiza Alves Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

S115 Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas
ciências humanas 2 [recurso eletrônico] /
Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do
Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-312-5
DOI 10.22533/at.ed.125202008

1. Antropologia. 2. Ciências humanas. 3. Etnologia. I.
Pereira, Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula do.

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Uma tradição, normalmente, pode ser definido como aquilo que se faz por hábito, um legado passado de uma geração para outra. Embora o historiador Hobsbawm tenha chamado atenção em uma obra bastante reconhecida entre historiadores de que as tradições, de maneira geral consistem em retomar “passado histórico apropriado”, em que o senso de continuidade ocupa um valor e uma necessidade centrais, e que, para isso, muitas vezes os diferentes grupos se constituem em torno de falsas noções de continuidade, ou seja, as tradições, podem, muitas vezes serem inventadas, a expressão saberes tradicionais traz consigo um elemento mais amplo do que a noção de continuidade a que nos referíamos acima.

Usualmente, a ideia de saber tradicional é usada para marcar um conjunto de noções e práticas que permeiam as sociedades e grupos e são ligadas, por exemplo, ao reconhecimento de propriedades de plantas, consensos e práticas sociais comuns, valores norteadores que parecem pertencer a uma realidade atemporal, ou seja, estiveram sempre presentes e são reconhecidas por um grande número de pessoas sem ter passado pelo espaço de “validação científica”, que nesse caso, significaria o crivo do método usado pela ciência para chegar em suas conclusões. Isso não significa, que, nos dias atuais não se possa falar de uma espécie de «terreno comum» em que se estabelece um diálogo, uma espécie de entendimento entre as esferas do conhecimento tradicional e do conhecimento contemporâneo, técnico e científico.

Essa troca existe, e é bastante presente, ainda que, nem sempre, essas esferas sejam consideradas de maneira equivalente, uma vez que a “ciência” acaba prevalecendo. Em ciências humanas, nos últimos anos, esse debate se fez cada vez mais presente, dado que o registro, o resgate e o entendimento desses saberes tradicionais sempre esteve na pauta, de uma maneira ou de outra, de seu campo de pesquisa. Nesse caso, o sentido de incompatibilidade não se faz tão presente como em outras tradições científicas. Ainda assim, tem se construído cada vez mais o entendimento de que esse resgate e a ideia de que os saberes tradicionais devam ser pesquisados e referidos, junto com eles chama-se a atenção para que os valores de justiça social, participação popular e sustentabilidade estejam sempre presentes e cada vez mais na pauta do processo de construção dos saberes. Assim, para além de base e fonte, se entende, nas ciências humanas, que há que se dar voz ao saber tradicional, e que o diálogo deste com o conhecimento científico constitui-se enquanto riqueza e multidimensionalidade do mesmo.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Janaína de Paula do E. Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....1

A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE BANCO DE DADOS DIGITAIS: O CASO DA FUNDAÇÃO ENERGIA E SANEAMENTO

Gabriel Luiz dos Santos
Maria Celina Pedroso Alves
Yuri de Lira Lucas

DOI 10.22533/at.ed.1252020081

CAPÍTULO 2.....16

A REPRESENTAÇÃO DA VIDA RURAL POR MEIO DA MÚSICA SERTANEJA RAIZ E SUAS TRANSFORMAÇÕES – NAS VOZES DE TIÃO CARREIRO E PARDINHO

Bruno de Caldas Martins
Alessandro Henrique Cavichia Dias

DOI 10.22533/at.ed.1252020082

CAPÍTULO 3.....28

ALTERIDADE, IDENTIDADE E PROTAGONISMO INDÍGENA NO BRASIL E A DISPUTA PELAS TERRAS TRADICIONAIS

Valéria Nogueira Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.1252020083

CAPÍTULO 4.....40

AS MULHERES NAS “POESIAS BÍBLICAS” DE DANIEL FARIA

Marcus Mareano

DOI 10.22533/at.ed.1252020084

CAPÍTULO 5.....49

CIBERCULTURA E AS NOVAS NUANCES EM SER NERD

Adriele Cristina Rodrigues
Lucia Helena Vendrusculo Possari

DOI 10.22533/at.ed.1252020085

CAPÍTULO 6.....53

CIDADES SUSTENTÁVEIS: ESTUDO DOS INDICADORES DA CIDADE DE JOÃO PESSOA-PB

Juliana Moraes da Silva Souza
Erbenia Lourenço de Oliveira
Heverton Felinto Pedrosa de Melo

Marucelle de Alcântara Bonifácio

DOI 10.22533/at.ed.1252020086

CAPÍTULO 7.....74

CIRCULARIDADE, FOGO DOMÉSTICO E CRIANÇA KAIOWÁ: O CAMINHAR DAS CRIANÇAS PELA ALDEIA LARANJEIRA ÑANDERU

Jéssica Maciel de Souza

Tania Milene Nugoli Moraes

Antonio Hilario Aguilera Urquiza

DOI 10.22533/at.ed.1252020087

CAPÍTULO 8.....85

COOPERATIVISMO E POLÍTICAS PÚBLICAS: A COOPERATIVA AGRÍCOLA DOS PRODUTORES DE VINHO DE JUNDIAÍ (AVA) NO ÂMBITO DO PROJETO MICROBACIAS II

Tamires Regina Rocha

Alan da Silva Vinhaes

DOI 10.22533/at.ed.1252020088

CAPÍTULO 9.....97

DO IMPRESSO AO DIGITAL: O USO DE NOVAS MÍDIAS PARA INFORMAR E ORIENTAR CONSUMIDORES

Solange de Fátima Wollenhaupt

Lúcia Helena Vandrúsculo Possari

DOI 10.22533/at.ed.1252020089

CAPÍTULO 10.....106

FROM THE TERRITORY TO THE CYBER SPACE: THE SEARCH FOR THE SYMBOLIC CAPITAL OF THE MISAK INDIGENOUS

Jennifer Paola Pisso Concha

Mário Cezar Silva Leite

DOI 10.22533/at.ed.12520200810

CAPÍTULO 11.....111

EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS E SUAS INTERFACES COM A VALORIZAÇÃO DA MULHER NO TRABALHO ASSOCIATIVO: O CASO DA ECOLANCHES

Heverton Felinto Pedrosa de Melo

Marucelle de Alcântara Bonifácio

Juliana Moraes da Silva Souza

Erbenia Lourenço de Oliveira

Mariéli Barbosa Cândido

DOI 10.22533/at.ed.12520200811

CAPÍTULO 12.....	123
ESPAÇO RURAL NO PLANO PLURIANUAL (2008/2011) DA BAHIA: AVANÇOS E CONTRADIÇÕES NA INSTITUCIONALIZAÇÃO DO DISCURSO DO GOVERNO DO ESTADO	
Adelmo Santos da Silva Vanessa da Silva Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.12520200812	
CAPÍTULO 13.....	132
FAZENDA GUATAPARÁ: O BERÇO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO ESTADO DE SÃO PAULO	
Denise Cristina Rosario Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.12520200813	
CAPÍTULO 14.....	145
MÍDIA E CAMPANHA DA FRATERNIDADE, CAMINHO PASTORAL PARA A JUSTIÇA E A PAZ	
Leila Maria Orlandi Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.12520200814	
CAPÍTULO 15.....	154
O CANTO DE CLEMENTINA DE JESUS: UMA APRESENTAÇÃO SINCRETICA ENGAJADA MANIFESTADA A PARTIR DA DÉCADA DE SEXTENTA	
Terezinha do Socorro da Silva Lima	
DOI 10.22533/at.ed.12520200815	
CAPÍTULO 16.....	173
O PAPEL E AS CARACTERÍSTICAS DA AGRICULTURA URBANA EM PORTO FERREIRA-SP	
Alan da Silva Vinhaes Tamires Regina Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.12520200816	
CAPÍTULO 17.....	185
SOLIDARIEDADE COMO PRINCÍPIO DE ORGANIZAÇÃO PASTORAL E ECLESIAL	
Matheus da Silva Bernardes	
DOI 10.22533/at.ed.12520200817	

CAPÍTULO 18.....194

UMA RELAÇÃO DIVINA E CULTURAL ATRAVÉS DA PRÁTICA DO JONGO: MEMÓRIA DE UMA ANCESTRALIDADE DA CANTORA CLEMENTINA DE JESUS

Terezinha do Socorro da Silva Lima

Ana Maria Cavaleiro de Macedo Bragança

DOI 10.22533/at.ed.12520200818

SOBRE AS ORGANIZADORAS.....209

ÍNDICE REMISSIVO.....210

CAPÍTULO 7

CIRCULARIDADE, FOGO DOMÉSTICO E CRIANÇA KAIOWÁ: O CAMINHAR DAS CRIANÇAS PELA ALDEIA LARANJEIRA ÑANDERU

Data de aceite: 01/08/2020

Data de submissão: 06/05/2020

Jéssica Maciel de Souza

Universidade Federal da Grande Dourados,
Faculdade de Ciências Humanas
Dourados – Mato Grosso do Sul
<http://lattes.cnpq.br/5672396044595579>

Tania Milene Nugoli Moraes

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Social
Campo Grande – Mato Grosso do Sul
<http://lattes.cnpq.br/1634417547728614>

Antonio Hilario Aguilera Urquiza

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Social
Campo Grande – Mato Grosso do Sul
<http://lattes.cnpq.br/8582796165061936>

RESUMO: Este artigo é fruto de pesquisa realizada no mestrado em Antropologia pela UFGD/MS, entre 2016 e 2018, através da prática de uma etnografia com as crianças Kaiowá da aldeia Laranjeira Ñanderu, localizada no município de Rio Brilhante/MS. Teve como objetivo a observação das relações sociais das crianças dentro e entre os fogos domésticos; descrição de como a circularidade delas acarreta num movimento de “circularidade” das informações dentro dos espaços que ocupam. Enfatizando, que os caminhos transitados e ocupados não são apenas espaços físicos, mas possuem demandas simbólicas que influenciam

nas relações sociais, políticas dentro da aldeia. Este trabalho contou como método de produção de dados com a observação participante.

PALAVRAS-CHAVE: Laranjeira Ñanderu, Circularidade, Fogo Doméstico, Criança Kaiowá.

CIRCULARITY, DOMESTIC FIRE AND THE KAIOWÁ CHILD: THE WALKING BETWEEN THE LARANJEIRA ÑANDERU INDIGENOUS COMMUNITY

ABSTRACT: This Article is a result of my master’s degree in Anthropology by UFGD/MS, during the years of 2016 and 2018, among the practice of the ethnographic method among the Kaiowá children of the Laranjeira Ñanderu community, in the county of Rio Brilhante/MS. The main goal was to observe the social relationships from children inside and around the domestic fires; the description of how their circularity creates a “circular” motion inside the spaces they occupy. Emphasizing that the paths walked and occupied are not only physical, but also have symbolical demands with whom exerts influences in the social and political relationships inside the community. This work counted as method of collecting data with participant observation.

KEYWORDS: Laranjeira Ñanderu, Circularity Domestic Fire, Kaiowá Child

1 | INTRODUÇÃO

A comunidade Laranjeira Ñanderu encontra-se na região sul do Estado de Mato Grosso do Sul (MS), localizada na altura do Km 08 da BR 163, a 11 km da cidade Rio Brilhante/MS e a alguns metros da ponte do

Rio Brilhante/MS.

Em 2008, aproximadamente 80 anos após a expulsão dos indígenas do seu território tradicional, iniciaram a retomada do *tekoha* – *tekoha é o território que os kaiowá (...) vive de acordo com sua organização social e seu sistema cultural (...)* (EREMITES DE OLIVEIRA; PEREIRA 2009 p. 34). Depois de várias tentativas, na terceira, no entanto, as famílias Kaiowá permaneceram na área ocupada. E em janeiro de 2012, a justiça determinou a suspensão da reintegração de posse que favorecia o proprietário da terra e, desde então, eles ocupam uma área de 30 hectares, enquanto aguardam o resultado final deste processo judicial. O território ocupado pelos indígenas corresponde a uma área de preservação ambiental, mata ciliar do Rio Brilhante. Há um lado desta área ocupado pelo rio, pela mata e pelas casas indígenas. Há outro, muito próximo às edificações indígenas, ocupado por uma lavoura. Viviam no local, cerca de 150 pessoas, dessas, 40% eram crianças.

No decorrer deste trabalho, será abordado sobre a circularidade e as relações de parentesco, políticas e religiosas da aldeia Laranjeira Nãnderu, enfocando as crianças Kaiowa. Neste local, durante o trabalho de campo, a pesquisadora foi acolhida pela família de Adelina, que é constituída pelos seus respectivos filhos e netos: Genieli (10 anos), Mannio (8 anos), Lara (05 anos), Geni (02 meses), Manuela (08 anos), Daniela (08 anos) e Mariwel (09 anos).

2 | FOGO DOMÉSTICO E AS CRIANÇAS EM LARANJEIRA NãNDERU

Durante a realização do trabalho de campo, a pesquisadora foi “adotada” pelo fogo doméstico – O “fogo doméstico” (Che pykykuera) pode ser compreendido como um grupo familiar composto pelos pais, filhos, avós e agregados, Pereira (2004) - de Adelina. Compreendeu-se que o estabelecimento de um vínculo com um dos fogos da aldeia poderia proporcionar a oportunidade de participar da rotina da comunidade e compreender mais profundamente o modo de organização de suas alianças. Evidentemente, a perspectiva diante da aldeia influencia, de alguma forma, a produção de dados e as informações aqui obtidas.

Vale lembrar que os fogos domésticos se organizam territorialmente de acordo com as relações sociais, políticas e econômicas estabelecidas na aldeia. Ressaltando as suas ligações internas, Pereira (2004) propõe uma analogia entre esta forma de organização social e a figura geométrica concêntrica para explicar o funcionamento das unidades sociológicas em meio à comunidade indígena: “(...) a existência de pequenos círculos de pessoas que se consideram próximos e entre os quais existe um alto grau de solidariedade, com unidades sociológicas maiores e mais abrangentes”. (PEREIRA, 2004, p. 49).

Para promover uma reflexão sobre as unidades sociológicas e as interações entre os grupos da aldeia Pirakuá, Prado (2013, p.87;88) analisa as quatro esferas sociais a seguir: Che pykykuera, ou “fogo familiar”, uma relação entre pais, filhos e agregados; Nemoñare, “minha prole” ou “descendentes”, um conjunto de fogos domésticos interligados por relações consanguíneas; Jehuvy, “aqueles que se ajudam”, um vínculo econômico estabelecido entre dois a seis fogos domésticos; Te'yi, ou “parentela”, uma relação política instituída entre familiares consanguíneos e/ou agregados. Para que haja um bom funcionamento desta organização social, as comunidades indígenas costumam eleger um representante para cada parentela.

Não foi difícil observar o funcionamento destas esferas sociais na aldeia Laranjeira Ñanderu. Ao analisar o fogo doméstico no qual a pesquisadora foi acolhida, compreendeu-se que este ambiente é compartilhado por duas mulheres, Adelina e Mari (Mãe e filha). Refletindo sobre um contexto cultural semelhante, Pereira afirma que “(...) quando o genro vem residir com o sogro; nesse caso, é comum a mãe e a filha dividirem um único fogo culinário. Assim, teríamos um fogo doméstico reunindo mais de uma relação de conjugalidade” (2008, p. 8).

Nesse espaço de acolhimento, há mais dois fogos domésticos além daquele de Adelina. Esses fogos pertencem aos seus filhos casados que mantiveram os seus respectivos vínculos consanguíneos, políticos e religiosos por meio das trocas de objetos, alimentos e cuidados pessoais.

Na aldeia, as manhãs são frequentemente dedicadas aos afazeres domésticos praticados pelas mulheres: limpeza dos pátios e das casas, assistência aos animais e preparação de alimentos para o almoço. Os membros do fogo doméstico de Adelina iniciam o dia em volta da fogueira, tomando mate. A água é fervida com jateika á uma erva que faz bem à saúde feminina, pois previne e cura inflamações no útero, segundo os Kaiowá.

Embora as crianças participem desses momentos, apenas os adultos são autorizados a ingerir o mate. Cabe a elas escutar atentamente os dizeres proferidos pelos adultos da aldeia “Neste instante as crianças devem permanecer em silêncio, a fim de ouvir bem os ensinamentos” (Benites, 2009, p. 70).

De acordo com Nascimento, Aguilera Urquiza e Vieira (2011, p. 36), a aprendizagem acontece de maneira dinâmica em meio à aldeia, pois “no grupo familiar ou de parentelas, as crianças ensinam e aprendem entre si (...)”. Se durante a manhã as crianças devem escutar os adultos, nos períodos vespertino e noturno, são incentivadas a conversar.

As crianças preenchem diversos espaços da aldeia, além de seus respectivos ambientes domésticos: a casa de reza, os caminhos da mata, o campo de futebol, o córrego, etc. Comumente, as meninas e os meninos passam o dia estudando, brincando e/ou ajudando nos afazeres domésticos. Afinal, de acordo com o provérbio indígena citado por Pereira (2002, p.170), “ñande mitãramo, opa rupi ñande jaikocujo”, isto é, “*quando somos crianças, vivemos por toda parte*”.

Conforme os autores Pereira (2002) e Nascimento, Aguilera Urquiza e Vieira (2011), as crianças da aldeia são livres para seguir os seus sonhos e ir atrás do novo, do desconhecido. Ao refletir sobre a educação das crianças Kaiowá, Benites (2009, p. 61) diz: “As crianças de ambos os sexos permanecem com a liberdade vigiada para circularem, brincarem juntos (ñenvanga) no espaço exclusivo da família, locais onde a observação direta (ñantende) é feita continuamente pela mãe e pela avó.”

Os pátios da aldeia são utilizados para diversas atividades e o que mais puder notar neste espaço foi a presença das crianças brincando no chão, alimentando-se e/ou reunindo-se com seus familiares. Como afirma Benites (2009), as crianças mais velhas são as que mais permanecem à disposição dos adultos para auxiliá-los em seus trabalhos familiares, especialmente aqueles relacionados ao traslado de objetos, alimentos e recados entre os fogos domésticos. Para o autor, “o espaço doméstico é fundamental para a criança, compreendendo o pátio (*oka*), em torno da casa (*oga jerere*) e os caminhos (*tape po’i*) que ligam a casa das crianças à dos parentes, principalmente à casa central da avó

jary” (BENITES, 2009, p. 61). Ao circularem em meio a esta área, as crianças aprendem e vivenciam a dinâmica da aldeia.

A aldeia pode ser metaforicamente comparada a um pote de areia completo: ainda que esteja cheio, o espaço pode ser preenchido com a adição de um pouco d'água. As crianças são como água, completam os espaços sociais, culturais e afetivos da aldeia.

Vale notar que a casa e o pátio são os espaços mais íntimos da aldeia, nos quais as crianças iniciam a aprendizagem de sua própria cultura, relacionando-se com os membros de seus fogos domésticos e/ou com os aliados de suas famílias. Conforme explana Benites (2009), a educação é desenvolvida por meio do discurso e dos exemplos observados diariamente pelas crianças da aldeia.

Lembremos que os espaços e as alianças consanguíneas, políticas e religiosas da aldeia são dinâmicos. Neste contexto, tanto os pais quanto as crianças podem estabelecer vínculos em meio à comunidade, uma vez que “(...) por um lado elas são socializadas na cultura geral da etnia, mas por outro, são preparadas para reproduzirem processos de diferenciação internos ao fogo familiar e a parentela” (PEREIRA, 2011, p. 85).

Inicialmente, as crianças vivenciam a aprendizagem cultural indígena no âmbito do fogo doméstico, entre a casa e o pátio. Posteriormente, são introduzidas aos fogos vizinhos até que estejam preparadas para conviver com as demais parentelas da comunidade. O aprendizado advindo de ambientes não-indígenas, por sua vez, começa quando as crianças passam a acompanhar as suas mães nos passeios pela cidade.

3 I CRIANÇAS ATUANDO NA CIRCULAÇÃO DE INFORMAÇÕES

Por circularem constantemente entre os pátios e os fogos domésticos da comunidade, conduzindo notícias, informações e “mexericos”, as crianças desempenham o papel de maior veículo de comunicação da aldeia Laranjeira Nãnderu. Em uma perspectiva análoga e complementar, Pereira (2011) afirma:

Tal tarefa é mais facilmente realizada pelas crianças, que gozam de uma espécie de salvo conduto e relativa imunidade, podendo circular com maior liberdade pelas casas, observar livremente como se vive e mesmo fazer perguntas às outras crianças. As crianças acabam repassando aos pais o que viram e ouviram, desempenhando o papel de facilitadores de comunicação (PEREIRA, 2011, p. 97).

Vale notar que as mulheres também colaboram com a circulação de informações na aldeia, afinal as notícias costumam se propagar em meio aos ambientes domésticos, uma área geralmente coordenada pela figura social feminina. Ao refletir sobre esta questão, Pereira (2011) descreve:

Crianças e mulheres circulam mais que os homens pelas casas dos vizinhos. Mas as mulheres muitas vezes acabam se envolvendo em querelas por conta desta circulação, o que ocorre com menos frequência com as crianças. Em caso de algum atrito, sempre se pode reivindicar que não é conveniente dar total crédito as conversas de crianças, embora isto não diminua a importância que elas exercem fazendo as informações circular entre os fogos familiares (PEREIRA, 2011, p. 97).

Responsável por orientar as suas crianças, a figura materna assume um papel fundamental em meio a esse processo comunicativo da comunidade. Ao saírem e retornarem aos seus lares, as crianças recebem diversas informações e instruções de suas respectivas mães. Notemos que esta rotina faz parte da formação sociocultural de cada membro da aldeia. Por meio desta dinâmica, a criança pode compreender o funcionamento das relações sociais, políticas e econômicas de sua sociedade.

Em Laranjeira Ñanderu, as crianças sabem dos conflitos existentes entre os fogos domésticos da aldeia. No convívio com essas famílias, ouviu-se diversos depoimentos infantis relacionados às tentativas praticadas por algumas pessoas interessadas em prejudicar os seus membros familiares. Esses conflitos são evidenciados quando os envolvidos não permanecem juntos.

Em ocasiões festivas, no entanto, as famílias da aldeia se reúnem, dançam, cantam e compartilham os seus alimentos. Já presenciamos, inclusive, episódios nos quais algumas mulheres convidaram as suas respectivas “adversárias” para tomar mate, dialogar e dar risadas em momentos festivos. Para melhor compreendermos este contexto, leiamos um trecho da seguinte reflexão, relacionada aos “padrões de conduta” da aldeia, proposta por Pereira (2011):

A despeito das críticas e acusações recíprocas, existem padrões de conduta recorrentes em todos os fogos e parentelas. É justamente o domínio destes padrões recorrentes que permite aos membros de um fogo, incluindo as crianças, saírem de uma parentela e se inserirem em outra. Esses padrões de organização social tornam possível a comunicação e o fluxo de pessoas entre parentelas (PEREIRA, 2011, p. 101).

Além das situações expostas pelo autor, devemos notar que as reuniões religiosas e políticas da comunidade são momentos que propiciam um grande trânsito de informações entre as mulheres, especialmente enquanto cozinham os alimentos a serem compartilhados entre os membros da aldeia.

Por meio dessa circulação de informações, as pessoas da comunidade passam a acompanhar as novidades relacionadas aos seus respectivos membros. Trata-se, pois, de uma dinâmica comunicativa que facilita a articulação política da aldeia diante de suas demandas internas e externas.

Por assumirem um papel importante em meio à comunicação social da aldeia, as crianças são orientadas a informar aos demais fogos domésticos as novidades relacionadas aos seus núcleos familiares. Sendo assim, podemos compreender que a movimentação infantil pela aldeia interfere nas alianças políticas e religiosas da comunidade. Afinal, as informações são o ponto de partida para as decisões a serem tomadas e/ou para propostas a serem apresentadas diante de qualquer situação.

3.1 Circularidade: caminhos políticos e de aprendizagem

A aldeia Laranjeira Ñanderu se encontra localizada em uma mata ciliar do rio Brilhante e os fogos domésticos que a compõem são organizados de acordo com as relações consanguíneas, políticas e religiosas estabelecidas entre os seus membros. Pensando em facilitar a trajetória de uma casa a outra, os indígenas abriram caminhos em meio à mata ciliar para conectar esses ambientes.

Ao circular pela aldeia, os visitantes têm a oportunidade de conhecer melhor os espaços e os moradores da comunidade. Na condição de hóspede, costuma-se ser acompanhada por algum dos moradores, quase sempre pelas crianças, enquanto se caminha pelas trilhas de Laranjeira Ñanderu.

Ao conviver com as crianças e conversar com os anciões da comunidade, pudemos notar que o processo de aprendizagem infantil acontece em diversos momentos e lugares, tal como nas rodas matinais de mate dos fogos domésticos. A roda de mate é um momento de conversa íntima, tranquila e sem pressa entre os membros das famílias extensas.

Foi possível compreender que essas conversas costumam girar em torno da cosmologia, da natureza e da história de seus antepassados. Para exemplificarmos essa ideia, leiamos um trecho do depoimento de Benites, no qual o autor descreve o modo de viver de seus respectivos ancestrais: “(...) acompanhei desde criança o meu pai e avô na caça e pesca pela região. Foram momentos em que observei o local e aprendi o nome de todo o lugar visitado, que é o nosso *tekoha* antigo” (2009, p.45).

Pensando nos ensinamentos advindos dessas caminhadas, começamos a refletir sobre as trajetórias indígenas percorridas nos espaços florestais que já não existem mais, bem como nas histórias e nos ensinamentos que deixaram de ser repassados e/ou vivenciados pelos Kaiowá desde o momento em que a comunidade passou a se ver encurralada pelas monoculturas de soja e milho que avançam em direção ao seu respectivo território. Por tudo isso, os Kaiowá tiveram de reinventar a sua maneira de repassar os seus ensinamentos para as novas gerações.

Na última etapa do trabalho de campo, realizada em março de 2018, houve a oportunidade de presenciar os preparativos do batismo do milho *saboró*. Se no passado este ritual era realizado em uma floresta, por restar apenas alguns resquícios dela, esta prática passou a acontecer em meio a um cenário rodeado por plantações de soja. Atualmente, este caminho já não conta mais com a sua floresta, seus animais ou suas plantas medicinais. Empobrecido, o solo também não é mais o mesmo. Ainda assim, os Kaiowá mantêm as suas respectivas crenças e rituais culturais.

Diante deste novo contexto, os Kaiowá tiveram de se readequar às condições que lhes foram impostas. Nesta perspectiva, o processo de retomada territorial vivenciado em Laranjeira Ñanderu pode ser compreendido como um símbolo de restauração cultural indígena.

Ao reestabelecer contato com o seu respectivo *tekoha*, a comunidade teve a oportunidade de recuperar alguns dos elementos culturais perdidos durante o período em que seus membros estiveram confinados em outros territórios. Sendo assim, a formação inicial das crianças voltou a ser realizada em seus respectivos fogos domésticos e a sequência deste aprendizado acontece em meio à comunidade.

Em suma, muito além de meros atalhos, os caminhos da aldeia representam uma simbologia de ordem política, religiosa e consanguínea. A circulação por este espaço proporciona aos seus visitantes um conhecimento mais profundo sobre a comunidade, sobre a simbologia desses caminhos e sobre a cultura Kaiowá.

3.2 Circularidade: caminhar com as crianças

Caminhar pela aldeia é uma atividade que deve ser feita com o acompanhamento de alguma pessoa, especialmente quando o passageiro não é um morador ou é uma criança “pequena” da comunidade.

Por volta dos seis anos de idade, as crianças começam a andar em grupos, sem a presença de um adulto, pelas trilhas deste território. De acordo com Manuela: *“Junto pequenininho pode, nós já viemos jogar bola aqui no fundo, eu, Daniela, Mannio, Mariwel e Genieli, cinco pessoas...”*.

Inicialmente, a formação de ensinamentos a criança Kaiowá acontece nos espaços mais íntimos de seu respectivo fogo doméstico: a sua própria residência e o pátio que conecta as moradias dos membros mais próximos do seu núcleo familiar. As relações sociais da criança são ampliadas de acordo com a sua faixa etária, com as esferas sociais nas quais foi educada e com os ambientes (seu próprio fogo doméstico ou uma parentela) nos quais sente uma relação de pertencimento, isto é, reconhece e é reconhecida como pertencente a um determinado grupo de pessoas.

Este processo pode acontecer tanto na aldeia quanto entre aldeias. Na comunidade, as crianças sabem quais são os espaços que podem ocupar e como se portar neles. Principalmente quando transitam em lugares que não estão relacionados com os seus fogos domésticos. Ao pensar nesta questão, Pereira (2011) afirma:

As crianças também aprendem a perceber os lugares ocupados pelos outros grupos como espaço de trânsito esporádico, por onde a circulação deve ser sempre cercada de cuidados, já que aí as regras de conduta são outras e nem sempre se pode contar com a boa disposição para a sociabilidade, considerada como prática características das relações parentais (PEREIRA, 2011, p. 93).

Por encontrar-se aos cuidados de sua mãe, pai e avós, a criança tem mais liberdade no seu fogo doméstico. Ao sair deste ambiente, a criança deve obedecer aos códigos que o espaço social a ser ocupado lhe confere, principalmente quando estiver sozinha.

Quando as crianças acompanham a pesquisadora nas visitas aos demais fogos domésticos, costumam permanecer caladas durante as rodas de conversas que se formam, respondendo apenas às perguntas que lhes são direcionadas. Ao sairmos destes ambientes, começamos a conversar. Em nenhum momento, no entanto, as crianças citam as conversas que ouviram nos ambientes em que estiveram de passagem.

Mas ao chegarem em suas casas, costumam ir ao encontro de suas mães e dialogam em Guarani e/ou deslocam-se para outro espaço e conversam com a família sem a minha presença. No entanto, quando se acompanha as atividades do fogo doméstico, a dinâmica das crianças é diferente: circulam pelo local e brincam com outras crianças, sem permanecer o tempo todo ao lado da pesquisadora.

De acordo com Pereira (2011, p. 98), ao circularem entre os fogos domésticos, colaborando com a comunicação social da aldeia, as crianças atuam como “(...) atores políticos importantes e, no desempenho destes papéis, elas se socializam na prática política, no exercício de construção da identidade percebida como exclusiva ao fogo familiar ou à parentela”.

As crianças costumam participar das articulações sociais promovidas tanto nos

seus respectivos fogos domésticos quanto nos âmbitos estadual e nacional do movimento indígena. Normalmente, essas articulações são iniciadas na comunidade para que posteriormente sejam estendidas em ambientes mais amplos.

Como a luta e a resistência dos povos tradicionais devem ser repassadas de geração a geração, as crianças aprendem ouvindo e observando as estratégias arquitetadas pela sua família e pelos apoiadores do movimento. Segundo Pereira, “paralelamente, também aprendem a lidar com os marcadores de alteridade que delineiam as fronteiras em relação aos outros módulos organizacionais” (2011, p. 98).

Para se formar como um “ator político” (Benites, 2009), a criança deve observar a movimentação e a articulação de seus pais em meio aos espaços sociais, políticos, religiosos e econômicos da aldeia. Sob a perspectiva cultural indígena, quanto mais a criança circular pelos espaços internos e externos da comunidade, melhor estará preparada para tomar decisões durante a sua vida adulta. Segundo Pereira (2011, p. 100), “quanto mais referências ela dispuser a respeito das consequências sociais de suas opções, melhor condição terá de realizar as melhores opções, daí a importância dos conhecimentos adquiridos desde a infância”. Em uma perspectiva análoga e complementar, Cohn (2005) explica que as crianças “elaboram sentidos para o mundo e suas experiências compartilhando plenamente de uma cultura. Esses sentidos têm autonomia deve ser reconhecida, mas também relativizada: digamos, portanto, que elas têm uma relativa autonomia cultural” (COHN, 2005. p. 35).

Cada espaço, com as suas respectivas especificidades, disponibiliza um vasto leque de aprendizagem às crianças Kaiowá, pois ainda que todos compartilhem “(...) uma mesma cultura geral – *ava reko*” (PEREIRA, 2011, p. 108), cada fogo doméstico possui o seu próprio sistema interno de funcionamento.

Enquanto realizava as primeiras visitas às casas da aldeia, a pesquisadora foi acompanhada pela presença de um adulto. Em uma dessas ocasiões, ao retornar para o fogo doméstico de Adelina, a família foi avisada que a pesquisadora iria descer sozinha para tomar banho no córrego, pois todos já haviam voltado de lá. Foi então que Manuela disse:

Manuela: – Não é para você ir sozinha.

Pesquisadora: – Por quê? É perigoso ir sozinha?

Manuela: – É perigoso saci e onça... a onça pode te pega o saci pode te levar... o saci já levou duas crianças daqui uma tinha quatro anos e a outra cinco anos. Não pode andar sozinha na mata, é perigoso, não pode. Eu não gosto do saci, ele leva...

Naquele dia, o caminho de acesso ao córrego estava molhado e para que as pessoas não afundassem os seus pés no barro (*curicho*), os indígenas puseram alguns galhos sob o chão. Como não estava acostumada a equilibrar sobre esses galhos, a pesquisadora escorregava constantemente. Observando, Manuela disse: Você não sabe andar no *curicho*?! Pesquisadora: Não sei.

Em momentos de contato mais próximo com a natureza, como nas trilhas e nos banhos de rio, as crianças narram com mais frequência esse tipo de história. São lendas

que servem, de certo modo, para interditar alguns espaços em certas circunstâncias, disciplinando a circulação infantil pela aldeia. Em uma outra ocasião, enquanto circulava pela aldeia, perguntou-se às meninas qual era a razão da restrição relacionada a tomar banho sozinha no córrego:

Manuela: - Não é para ir sozinha, não! Pesquisadora: - Não é, né?

Manuela: - Não.

Pesquisadora: - Ah, entendi.

Manuela: - É perigoso criança andar sozinha no mato.

Daniela: - Não é para tomar banho sozinho, não... é perigoso também a água.

Manuela: - Tem que chegar na água, no *arogho'iy* faz assim oh...

Pesquisadora: - *Jhovasa*....

Manuela: - O bicho vai... vai embora.

Como as crianças aprendem a respeitar e a ter uma boa convivência com os seres vivos e espirituais da aldeia, ensinaram algumas regras de comportamento utilizadas nesta comunidade. Apesar da idade da pesquisadora (mais de vinte anos), muitas vezes foi compreendida como uma “criança na cultura” (afinal, sequer sabia andar sobre o *curicho*). Sendo assim, as crianças frequentemente diziam o que e como fazer, repassando as orientações que aprenderam com as suas respectivas mães.

Segundo Benites (2009), as crianças aprendem “no tocante ao ensino sobre a vida ou a cultura de outro (*Ava*) e não-índios (*karaí*), as crianças aprendem a respeitar por meio de amedrontamento. É comum às vezes, a mãe e a irmã falarem em tom de brincadeira, ameaçando à criança dá-la ao *karaí*”. Enquanto estive na aldeia, as crianças me ensinaram diversas questões sobre a sua própria cultura através desta metodologia do amedrontamento, narrando histórias relacionadas aos espíritos ou animais da floresta, como a onça e o porco do mato. Sendo assim, não costumo andar sozinha pelas matas de Laranjeira Ñanderu.

As crianças pequenas (até os 5 anos de idade) da comunidade circulam pela aldeia apenas com a companhia de suas respectivas mães. Ao completarem seis anos, no entanto, começam andar pelo *tekoha* com crianças maiores ou com outras pessoas adultas que mantêm relações de proximidade com os seus fogos domésticos. Para os Kaiowá, a caminhada pela mata deve ser realizada em grupos, bem como as brincadeiras e os afazeres domésticos desenvolvidos na aldeia.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças são inicialmente educadas em meio aos seus respectivos fogos domésticos. Pouco a pouco, suas famílias preparam-nas para circular entre os demais ambientes da aldeia. Para desenvolver uma reflexão sobre as relações vivenciadas pelas crianças nos ambientes comunitários da aldeia, vali-me da teoria, proposta por Pereira (2004), sobre o modelo social concêntrico.

Ao caminhar com as crianças, foi possível compreender que essas figuras sociais desempenham a função de *facilitadores de comunicação* em meio a sua respectiva comunidade (Pereira, 2011). Dispensando formalidades, esses atores sociais circulam livremente pelos mais diversos ambientes domésticos, dialogando e movimentando as informações da aldeia.

Vale notar, no entanto, que a comunidade estabelece algumas restrições relacionadas à circulação pela aldeia. Sendo assim, as crianças nunca aconselharam a andar sozinha em meio às trilhas da aldeia. De acordo com as mesmas, há sempre o risco de um ser terrestre e/ou espiritual permanecer escondido na floresta. Por isso, a caminhada é uma atividade que deve ser realizada com algum acompanhante.

Na maioria das vezes em que houve caminhada pela aldeia, a pesquisadora foi acompanhada pelas crianças. Para além de um hábito gentil, este costume pode ser compreendido como um ato político: ao permanecerem ao lado da pesquisadora, durante as visitas que eu realizava, as crianças tiveram acesso a tudo o que foi conversado em cada ambiente. A informação é extremamente importante na aldeia, pois possibilita a organização dos fogos domésticos diante dos acontecimentos que podem movimentar a comunidade.

Desde a infância, os membros da comunidade aprendem que a caminhada pela aldeia deve ser realizada com algum acompanhante. Apenas a partir dos cinco ou seis anos de idade as crianças são autorizadas a passear com as demais crianças pela comunidade, sem a presença de suas respectivas mães.

A circulação pelo território tradicional faz parte do processo da aprendizagem infantil, pois ao olhar, ouvir e entrar em contato com as demais pessoas da aldeia, a criança passa a conhecer e reproduzir, à sua maneira, a cosmologia e o modo de vida Kaiowá.

Em uma perspectiva análoga e complementar a esta análise sobre o desenvolvimento infantil, Nascimento, Aguilera Urquiza e Vireira (2011) enfatizam a ideia de que os ensinamentos da aldeia são mutuamente compartilhados entre os adultos e as crianças da comunidade. Ao dividirem, sem qualquer tom de competitividade, as suas experiências vivenciadas dentro e fora da aldeia, esses grupos complementam-se e ressignificam-se mutuamente.

Portanto, o território tradicional é onde a criança encontra os elementos necessários para a sua produção e reprodução. A corpo da criança Kaiowá permeia as relações com a cosmologia e a terra. A terra possui uma carga simbólica, onde acarretam as relações com os antepassados, os espíritos dos seres que ali vivem, são relações que transcendem o plano terrestre, e transita por diversas esferas, humana e não humana. A criança Kaiowá é uma “arena” de relações e práticas culturais. Se produzem para si e para o meio em que estão inseridas.

REFERÊNCIAS

AGUILERA URQUIZA, A. H.; NASCIMENTO, A. C. Povos Indígenas e as Questões da Territorialidade. In: AGUILERA URQUIZA, A. H. CRIANÇA INDÍGENA: diversidade cultural, educação e representações sociais. 1ª. ed. Brasília: LIBER Livro, 2011. p. 53-71.

BENITES, T. A Escola na Ótica dos Ava Kaiowá: Impactos e Interpretações Indígenas, Rio de Janeiro. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

EREMITES DE OLIVEIRA, J; PEREIRA, Levi M. 2009. Ñande Ru Marangatu: laudo pericial sobre uma terra kaiowa na fronteira do Brasil com o Paraguai, em Mato Grosso do Sul. 1. ed. Dourados: Editora da UFGD, 2009. v. 500. 284p.

GUTIERREZ, José Paulo. A circularidade das crianças Kaiowá na Aldeia Laranjeira Ñanderu, Rio Brilhante, Mato Grosso do Sul. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2016.

JOÃO, Izaque. Jakaira Reko Nheypyrū Marangatu Mborahéi: origem e fundamentos do canto ritual Jerosy Puku entre os Kaiowá de Panambi, Panambizinho e Sucuri?y, Mato Grosso do Sul. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Grande Dourados.

NASCIMENTO, A. C.; AGUILERA URQUIZA, A. H.; VIEIRA, Carlos M. N. A cosmovisão e as representações das crianças kaiowá e guarani: o antes e o depois da escolarização. In: NASCIMENTO, A. C.; AGUILERA URQUIZA, A. H.; VIEIRA, C. M. N. (Org.). Criança indígena: diversidade cultural, educação e representações sociais. 1ªed.Brásilia: LIBER livro, 2011, v. 01, p. 21-44.

PEREIRA, L. M. A criança kaiowa, o fogo doméstico e o mundo dos parentes: espaços de sociabilidade. In: 32º Encontro Anual da Anpocs, 2008.

PEREIRA, L. M. A socialização da criança kaiowá e guarani: formas de socialidade internas às comunidades e transformações históricas recentes no ambiente de vida. In: NASCIMENTO, A. C.; AGUILERA URQUIZA, A. H.;

VIEIRA, C. M. N. (Org.). Criança indígena: diversidade cultural, educação e representações sociais. 1ªed.Brásilia: LIBER livro, 2011, v. 01, p. 75-112.

PEREIRA, L. M.. No mundo dos parentes: socialização das crianças adotadas entre os Kaiowá. In: LOPES DA SILVA, M. Aracy. (Org.). Crianças Indígenas: ensaios antropológicos. 1ed.São Paulo: GLOBAL EDITORA, 2002, v. 1, p. 168- 187.

PEREIRA, Levi Marques. Imagens Kaiowá do sistema social e seu entorno. Tese de Doutorado em Ciências/Antropologia Social – USP, São Paulo, 2004.

PRADO, José Henrique, ATRAVÉS DO PRESTÍGIO: atuação da chefia ameríndia entre os Kaiowa da Terra Indígena Pirakua, Dourados, Mato Grosso do Sul. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2013.

<<http://www.agraer.ms.gov.br/wpcontent/uploads/sites/68/2015/05/Jateika%C3%A1.pdf>>. Acesso em: 20 de jul. de 2018.

ÍNDICE

A

Acervo Histórico 1, 142
Aerofotogrametria 1, 4, 7, 9, 10

B

Bíblia 40, 42, 44, 46, 47, 48

C

Capital Simbólico 52, 106
Cartografia 1, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 14, 15
Cibercultura 49, 50, 51, 52, 97, 98, 99, 101, 102, 104, 105, 106, 110
Ciberespaço 49, 50, 99, 102, 105, 106, 110
Cidades Sustentáveis 53, 56, 57, 60, 62, 63, 67, 70, 71, 72
Circularidade 74, 75, 78, 80, 84
Consumo 52, 55, 58, 59, 60, 63, 64, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 114, 116, 136, 137, 177, 179
Criança Kaiowá 74, 84

D

Daniel Faria 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48
Desenvolvimento Local 63, 111, 113, 118, 120

E

Economia Solidária 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 180, 183
Educação 31, 39, 52, 59, 61, 66, 69, 84, 97, 98, 105, 115, 122, 150, 154, 171, 172, 194, 196, 209
Educação Online 97, 98, 101, 104, 105
Estado 1, 2, 3, 4, 6, 8, 10, 11, 13, 15, 24, 29, 34, 61, 71, 74, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 95, 96, 100, 115, 123, 124, 125, 126, 129, 131, 132, 133, 135, 138, 139, 140, 142, 149, 154, 171, 176, 183, 194, 197, 206

F

Fogo Doméstico 74, 75, 76, 77, 80, 81, 84

G

Geoprocessamento 1, 7, 14

I

Indústria Fonográfica 16, 18, 26
Interatividade 49, 50, 51, 97, 98, 99, 102, 104

J

João Pessoa 53, 54, 61, 62, 63, 64, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 111, 113, 115, 117, 121, 122

L

Laranjeira Nãnderu 74, 75, 76, 77, 78, 79, 82, 84

M

Master Nerd 49, 51

Mídias Digitais 97, 98, 101, 106

Mística 40, 42

Mulher 20, 21, 23, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 111, 113, 116, 117, 118, 121, 166, 171, 189

Música Sertaneja 16, 17, 18, 25, 26, 27

N

Nerd 49, 50, 51, 52

O

Ods 53, 54, 56, 60, 62, 67, 68, 69, 70, 72

P

Poesia 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 198

Política Indigenista 28, 29, 30, 31, 33, 34, 37, 38, 39

Políticas Públicas 54, 73, 85, 86, 87, 90, 95, 96, 101, 111, 112, 113, 114, 115, 119, 120, 121, 146, 148, 149, 150, 173, 174, 175, 176, 181, 182, 183

Produção de Sentidos 97

Produtores Culturais 106

Projeto 1, 4, 9, 31, 32, 36, 37, 38, 57, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 103, 115, 116, 141, 173, 183, 184, 189, 195, 197, 198, 206

Protagonismo Indígena 28, 29, 30, 31, 35, 36, 38

R

Relações 4, 28, 29, 30, 40, 41, 49, 61, 69, 72, 74, 75, 78, 80, 82, 83, 98, 99, 102, 113, 115, 119, 120, 129, 133, 138, 140, 154, 160, 166, 171, 176, 177, 180, 194, 200

Representação 4, 5, 16, 18, 21, 26, 30, 50, 159, 172, 175, 195, 196, 199, 200, 203, 207

S

Sensoriamento Remoto 1, 6, 8, 10, 14

Sustentabilidade 53, 54, 55, 56, 57, 60, 62, 63, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 88, 113, 114, 116, 180

T

Terra 5, 6, 7, 18, 25, 28, 29, 30, 31, 36, 37, 38, 54, 55, 58, 59, 65, 68, 69, 72, 75, 83, 84, 101, 105, 126, 128, 141, 142, 151, 155, 161, 165, 170, 175, 177, 178, 182

Tião Carreiro e Pardinho 16, 17, 19, 24, 25, 26

V

Valorização da Mulher 111

Vida Rural 16, 18

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 